

## MEMÓRIA, SUBJETIVIDADE E O PAPEL AUTORAL EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

### MEMORY, SUBJECTIVITY AND THE AUTHORIAL ROLE IN *PONCIÁ VICÊNCIO*

Claudionor Ramalho SANTANA<sup>1</sup>

**Resumo:** A obra analisada se insere como produção da memória de um povo, tomado o local de fala, isto é, a autoria negra como base para uma narrativa com enfoque na subjetividade do negro e também como representação de uma coletividade, que sofre com as marcas da escravidão. Conceição Evaristo ao produzir a obra *Ponciá Vicêncio* parte do que conhece e da sua visão de autoria feminina negra, caracterizando como espaço de produção de quem tem propriedade para falar (ou escrever) sem propagar a estereotipagem do negro. Tornando a obra possível de ser analisada pelos conceitos de memória e trauma, baseando-se em autores como Duarte (2014) com os conceitos de literatura afro-brasileira, tendo também Ianni (2014) como representante desse ponto de vista, e voltado para memória pode-se mencionar Halbwachs (1990) mais voltado para memória coletiva, e Nora (1993) que fala dos lugares de memória.

**Palavras-chave:** Literatura afro-brasileira. Memória. Autoria Negra.

**Abstract:** It is out of this point of view that the work analyzed here is inserted as the production of the memory of a people, taken the place of speech, that is, the black authorship, as basis to a narrative focusing the subjectivity of the black, and also as a representation of a collectivity suffered, suffering from the marks of slavery. Conceição Evaristo, in producing the work *Ponciá Vicêncio*, starts from what she knows, and from her vision of the black female authorship, characterizing as space of production of those who have the right property to speak (or write) without spreading the stereotyping of the negro. In Conceição Evaristo's work, it is possible to analyze the concepts of memory and trauma, based on authors such as Duarte (2014) with the concepts of Afro-Brazilian

---

<sup>1</sup> UESPI.

literature, also having Ianni (2014) as representative of this point of view, and, turned for memory, one can mention Halbwachs (1990) more focused on collective memory, and Nora (1993) who speaks of memory spaces.

**Keywords:** Afro-Brazilian Literature. Memory. Black Authorship.

## 1 Introdução

A literatura enquanto campo de expressão artística traz, por meio da tradição, as vivências e as leituras ou a formação do autor, inserindo sua perspectiva ou visão de mundo que está carregada de ideologia, porém, o campo literário é também considerado um campo de privilégios, uma vez que algumas literaturas ascendem em detrimento de outras.

Os estudos da literatura afro-brasileira e africana tem ganhado espaço, mas cabe distinguir que há algumas obras sobre o negro que não estão dentro dessa classificação, visto que não são de autoria negra, isto é, não são produzidas a partir da subjetividade de um afro-brasileiro ou africano. Dentre muitos autores da literatura afro-brasileira cabe citar Conceição Evaristo e sua obra *Ponciá Vicêncio*, pois será objeto de estudo nesse artigo, partindo da visão de autoria negra, temática e ponto de vista.

A protagonista é herdeira da loucura do avô, mas também da memória e sofrimento de seu proavo. Levando em conta esse aspecto memorialístico da obra, cabe analisar como a memória constitui a trama da narrativa, tendo como base o questionamento de como se dá o uso da memória para tessitura da trama. Tendo em vista a temática e a autoria, percebe-se que o sofrimento de Ponciá caracteriza o ponto crucial para notar uma memória sobre o negro (a partir de uma visão de dentro). Essa trama mostrada pela dor da personagem integra a memória de um povo.

## 2 Conceição Evaristo: escrevivência

A autora da obra *Ponciá Vicêncio* em artigo sobre a “escrevivência”, fala da contribuição das narrativas e de suas leituras para sua produção, caracterizada por suas vivências e também pela tradição oral. Prossegue falando da representação do negro na

literatura, do ponto de vista branco ou como subserviente. Como se observa a mulher, na sua visão, é responsável, muitas vezes, pela manutenção da memória:

Entretanto, é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo (EVARISTO, 2003, p. 4).

Importante também salientar que a representação do negro e as marcas da escravidão estão presentes no meio social e que essas “Imagens nascidas de uma sociedade escravocrata perpassam, até hoje, profundamente, pelos modos das relações sociais brasileiras.” (EVARISTO, p. 5, 2003). Relações também apresentadas em sua obra, quando contrapõe as favelas com os espaços presentes na escravidão. Ainda sobre a escrita de autoras negras afirma que “A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra.” (EVARISTO, 2003, p. 6).

Essas passagens inserem a perspectiva da literatura negra, corroborando a ideia de Ianni (2014), como aquela desenvolvida por negro em que representa suas vivências, discutindo problemas concernentes à religião, sociedade e racismo. Ele ainda afirma que “A matéria de criação do escritor sempre comprehende as vivências e *sofrências* do negro, indivíduo e coletividade”. (IANNI, 2014, p. 194).

Duarte (2014) enfatiza o aumento da literatura negra e também o aumento de autoria (negra), mas ele aponta outros fatores além da autoria, como o ponto de vista, a linguagem, o público e a temática de forma que “[...] a adoção da temática afro não deve ser considerada isoladamente e, sim, em sua interação com outros fatores como autoria e ponto de vista.” (DUARTE, 2014, p. 387).

Ao discutir a representação do negro nas narrativas Dalcastagnè (2011) coloca Conceição Evaristo como autora que apresenta personagem negra envolta em sua subjetividade e que o faz pela encenação da dor, prossegue dizendo que:

Em *Ponciá Vicêncio*, ela volta ao meio rural (espaço pouco frequentado pela literatura contemporânea), vai até um povoado miserável formado por descendentes de ex-escravos e tira de lá suas personagens: uma mãe, a filha, o filho já adultos que migram, separadamente, para a cidade,

dissolvendo a unidade familiar. Uma dissolução que já começara muito antes, com o avô escravo que, desesperado com a venda dos filhos, mata a mulher e tenta o suicídio cortando o próprio braço. Ponciá a neta, é sua herdeira. Acompanhamos, então, através do olhar de um narrador em terceira pessoa, as suas perdas – aos poucos, vão-se a esperança em uma vida melhor; a relação com o marido, que se torna violento; a perda dos filhos, nos abortos sucessivos. A loucura se torna o seu refúgio e é ali que sua mãe a encontra, conduzindo-a de volta para casa. (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 329).

Pode-se salientar que Conceição Evaristo se insere nas ideias aqui apresentadas de autoria negra e da representação do negro sem estereotipagem, mostrando a subjetividade da personagem Ponciá Vicêncio e sua relação com a tradição e com o meio familiar, demonstrando uma memória marcada pela dor.

## 2.1 Memória da escravidão

Muitas obras literárias abordam aspectos memorialistas no enredo e na relação entre as personagens, uma dessas obras é *Ponciá Vicêncio* que não só trabalha com as lembranças individuais da protagonista, mas também a memória coletiva do seu povo.

A narrativa contada em terceira pessoa, por um narrador onisciente mostra Ponciá Vicêncio, a protagonista, da infância à idade adulta, passando por perdas e sofrimentos, como a violência doméstica, mas a característica principal dessa personagem é oscilar entre o momento vivido e suas lembranças (o tempo presente e passado), isto é, tem o caráter contemplativo em relação à sua vida que é, ao mesmo tempo, os anseios de seu povo, em alguns aspectos.

Ambientada em tempo posterior à escravidão ainda traz as marcas desse período, também uma característica da autora, Conceição Evaristo, colocar de modo crítico a manutenção de um sistema escravista mesmo pós-abolição, como um sistema de diferenciação que mantém o negro cativo. Como observa-se no trecho ao mencionar o pai de Ponciá:

[...] Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô moço. Tinha obrigação de brincar com ele. Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto

da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? (EVARISTO, 2017, p. 17).

Os questionamentos do pai de Ponciá mostram alguns aspectos da escravidão a que estavam submetidos mesmo após a abolição, outra característica vista nesse trecho é como eles são tratados, o que lembra as justificativas para dominação apontada por Césaire (2010) que é chamar a um povo de selvagem, tanto que como se observa pela forma que o “sinhô moço” trata o personagem, vê-se que os negros conseguiram a “liberdade”, mas não eram reconhecidos como seres humanos, outro ponto que Césaire levanta é que tratam o povo como selvagem para justificar as atrocidades cometidas, mas que na verdade ao tentar bestializar, nesse caso, o negro, quem torna-se uma besta é o agressor, ou melhor, ele fala da “des-civilização” do colonizador, podendo ser associado ao senhor de escravos, uma vez que os colonizadores também foram responsáveis por escravizar alguns povos.

No trecho da obra percebe-se também a relação entre pai e filho, pois este tem ódio daquele, e a causa foi o assassinato que o pai cometera ao matar a mulher (avô de Ponciá) e se automutilar com intuito de matar a família e cometer suicídio, mas por intervenção ele apenas se automutila (cortando um braço); o avô de Ponciá ficou louco ao ver seus filhos sendo vendidos, esse momento de loucura assemelha-se à obra *Amada* comentada com base em proposição de Fox-Genovese que é citada por Bhabha:

Elizabeth Fox-Genovese considera que o assassinato, a automutilação e o infanticídio são a dinâmica psicológica de toda resistência. É sua opinião que “essas formas extremas capturavam a essência da autodefinição da mulher escrava” Além disso, vemos como esse ato trágico e íntimo de violência é executado como parte de uma luta para fazer recuar as fronteiras do mundo escravo. Diferentemente dos atos de confrontação contra o senhor ou o feitor que eram resolvidos dentro do contexto doméstico, o infanticídio era reconhecido como um ato contra o sistema e, pelo menos, reconhecia a posição legal da escrava na esfera pública. O infanticídio era visto como um ato contra a propriedade do senhor – contra seu lucro extra – e talvez isto, conclui Fox-Genovese, “levasse algumas das mais desesperadas a sentir que, ao matar uma criança que amavam, estariam de certo modo restaurando sua posse sobre ela” (BHABHA, 1998, p. 39-40).

Mais que apenas apontar o desespero do avô de Ponciá, demonstrando que mesmo filhos do ventre-livre não estavam isentos da comercialização de negros (não deve ser

colocado escravos, pois eles não eram cativos, ainda que tenham sido comercializados como tais). Vê-se que mesmo com a abolição e tomado a citação de Bhabha que enfatiza a relação nas esferas privadas (doméstica) e pública, percebe-se que a escravidão permanecia em ambas, pois o negro era tratado como escravo no ambiente doméstico mesmo sendo livre, e na esfera pública ainda eram comercializados como escravos. A escravidão permanecia não só como atitude, mas como uma memória sempre presente.

Ao falar em memória da escravidão diga-se que é sustentada por passagens da obra, mas a autora não trabalhou com personagens passivas ou atribuindo características incomuns, pelo contrário, trabalha com a visão de uma escravidão pós-abolição e apresentada em relações sociais que chega a ser uma herança do período escravista. Ainda não se está apontando as memórias dos personagens, mas a conjuntura total da obra, e tal como uma representação que se circunscreve como memória.

## 2.2 O espaço como representação

*Ponciá Vicêncio* tem uma ambientação muito importante para a trama, com relevância para qualquer análise, e como memória de um povo não poderia ser diferente, uma vez que existem os locais de memória como apontou Nora (1993), e que o produto do ser humano é localizado temporal e espacialmente (como a cultura).

A relação entre o espaço “terra dos brancos” e “terra dos negros” é dada como um ponto de diferenciação, embora o maior enfoque seja na terra dos negros, até mesmo pela importância do local de fala, mas principalmente do ponto de vista, pois “O ponto de vista adotado indica uma visão de mundo autoral e o universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentaram as opções até mesmo vocabulares presentes na representação. [...]” (DUARTE, 2014 p. 391).

Ao analisar a obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, Aline Deyques Viera diz que:

Estas histórias que habitavam o imaginário de Maria-Nova colocavam-se em posição de uma memória coletiva, e sim, formada através de traumas passados pelos seus antecedentes, os escravos, assimilando uma nova forma de escravidão diante dessas experiências vividas e contadas. (VIERA, 2016, p. 129).

O importante dessa citação é essa nova forma de escravidão que também está presente em *Ponciá Vicêncio*. Podemos afirmar que há em *Becos da Memória* uma comparação entre a favela e a cidade, associando esta à senzala e aquela à casa grande, já em *Ponciá Vicêncio* está até mais visível, uma vez que há separação em “terra dos brancos” (casa grande) e “terra dos negros” (senzala). Essa separação espacial mostra a condição do negro, que ainda trabalha em situação de servidão, sendo que os homens nem retornam às suas casas com frequência, como se observa:

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho na roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era o tempo de colheita, e ele passava o tempo todo lá na fazenda (EVARISTO, 2017, p. 16).

O espaço enquanto representação não só se apresenta como local de memória, mas de relações sociais, porém, como já mencionado o desenrolar da narrativa se dá na terra dos negros e posteriormente na cidade (grande), o foco é dado à subjetividade do negro, tanto que no núcleo da trama tem pouca participação de brancos.

Cabe ainda mencionar que o tempo da narrativa não é cronológico, pois há avanços e recuos, já no início a protagonista não está mais na terra dos negros, é apenas suas lembranças. Há também uma relação quanto à estrutura da narração, percebe-se que na narrativa os personagens se misturam (pai, mãe e irmão de Ponciá), quando se dá a separação, em que Ponciá viaja para cidade e depois seu irmão, deixando a mãe na “terra dos negros”, a narração oscila entre eles, isto é, o foco em algumas passagens é em Ponciá, mudando para seu irmão e depois para a mãe, quando se reencontram, eles se misturam novamente.

### 3 Ponciá Vicêncio: herança de uma memória

A estrutura da narrativa já foi mencionada, mas enquanto criação verbal de atos violentos que deixam marcas na memória (trauma), torna-se importante evidenciar que:

Alguns textos literários podem nos permitir observar as possíveis motivações que levam personagens a matar, ou de modo mais geral, a realizar atos agressivos. Também permitem discutir essas motivações, ponderar se são duvidosas, vagas, determinadas, mais ou menos calculadas. [...] permitem ainda perceber que os episódios de violência

resultam em impacto em outros que tinham conexões afetivas com os que foram agredidos (GINZBURG, 2012, p. 7).

Ginzburg trabalha com a relação entre literatura, violência e melancolia, esta tem relação com o trauma, uma vez que o autor a delimita como a marca deixada pela violência em pessoas que não foram afetadas diretamente, como o pai de Ponciá que foi afetado pela morte de sua mãe. Podemos perceber a delimitação que o autor faz da melancolia no seguinte trecho:

[...] ela consiste em um resultado de uma perda (e, nesse aspecto, aproxima-se do luto). Uma perda afetiva – que pode ser a morte de uma pessoa amada, namorado(a), esposo(a), filho(a), pai ou mãe – envolvendo um afeto central para a vida do sujeito. Essa perda pode ser também a morte de um grupo de pessoas, o desaparecimento de um período de tempo que não volta – como a infância, na perspectiva de um adulto –, de uma situação afetiva. Ou o afastamento de pessoa(s), ou o distanciamento de um lugar. (GINZBURG, 2012, p. 11-12).

O distanciamento é também um fator de melancolia, na obra aqui analisada é perceptível tanto em Ponciá quanto na sua mãe e no seu irmão esse sentimento de perda, distanciamento da família, perda do avô, da avó. A desintegração da família constitui um dos fatores mais importantes, pois permeia quase toda a narrativa.

Após delimitar o campo da violência e da melancolia que o livro trata, o autor aponta a importância do estudo da violência enquanto representação literária, e critica os estudos que deixam de lado a empatia, que impede o conhecimento do impacto das ações violentas nas vítimas, enfatizando que “[...] não interessa apenas o fato de que houve uma morte, isto é, a violência; interessa também seu impacto em alguém que em princípio pode estar ausente, mas cuja vida pode ter sido transformada de modo decisivo, constituindo melancolia.” (GINZBURG, 2012, p. 13). O autor sugere que a análise literária deve levar em conta a linguagem e o foco narrativo, caracterizando o texto que retrata violência com linguagem fragmentada e que “Falar do mundo violento como um território ordenado envolve ficar a distância, deixar a pele sem ferida e o corpo sem dor. [...]” (GINZBURG, 2012, p. 34).

Ainda sobre a tessitura da trama pode-se afirmar que a linguagem pode apresentar uma ordenação, e por conta de ser narrado em terceira pessoa há uma certa distância, mas que não reduz a produção de efeito dos sentimentos das personagens, mas quanto à

apresentação há fragmentações e “não-ditos” como exemplo a morte de Biliza em que o assassino foi preso, mas desaparece da narrativa e não sabe-se a causa do crime, e o próprio pensamento de Ponciá não segue uma ordenação e que o leitor precisa estabelecer as relações, por exemplo a aparição do arco-íris no início e no fim da narrativa, que tem um valor significativo para a protagonista enquanto lembrança de sua infância.

O arco-íris pode também ter outra relação, ele é nomeado como “Angorô” e na outra passagem que é mencionada essa palavra é também colocado como cobra celeste, que na verdade seria um elo que auxilia na comunicação entre os seres humanos e as divindades, na narrativa é um elo entre início e fim, entre passado e presente, e esse elo é colocado como sendo a protagonista: “Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto, Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio.” (EVARISTO, 2017, p. 111).

O trecho acima levanta uma plurissignificação, dentro do contexto “reencontrada pelos seus” está relacionado ao reencontro da família, mas se isolado dessa forma “elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus” dá a entender que é um reencontro da memória de seu povo, vale ressaltar que não é uma instigação à leitura descontextualizada, mas um apontamento para as relações mais amplas dentro da totalidade da obra, pois tomando-se como referência a subjetividade da personagem, ela torna-se a imagem de um povo que sofreu com a escravidão e que carrega suas marcas, portanto, também suas memórias.

Cabe salientar que a memória, dentro das relações sociais da obra, contribui para que o passado seja reconstituído, para tal precisa-se de testemunhas (pessoas que presenciaram o acontecimento), apesar de que para Halbwachs (1990) mesmo que o indivíduo esteja sozinho, ainda assim a memória é coletiva, pois o que é armazenado na memória está carregado por interpretações baseados em informações advindas de outras pessoas, muitas vezes do círculo de relações desse indivíduo.

Tomado dessa forma, para reconstituir o passado muitas vezes é necessário ajuda de outras pessoas para preencher as lacunas, portanto, o uso do testemunho é complementar a essa reconstituição. Claro que para ser uma lembrança tem que ser algo compartilhado e

que traga reminiscências daquilo vivenciado por ambas (testemunhas), isto é, tem que ser reconhecida para somente depois ser reconstruída. O papel de manter a memória viva não só recai em Ponciá Vicêncio, mas em Nêngua Kainda, mostrando o respeito que os demais personagens têm para com ela, e que a importância dada está ligada às tradições que valoriza o saber dos mais velhos pelas experiências vividas, ela mantém a linguagem viva, as histórias, é conselheira e a quem confiam para confissões.

Eduardo de Assis Duarte ao analisar *Úrsula* de Maria Firmino dos Reis em que Mãe Suzana explica a Túlio o que seria a liberdade, que um negro alforriado em um país racista não conhece a verdadeira liberdade, associando à *Ponciá Vicêncio* tem-se a Nêngua Kainda que ao ver Luandi vestido de soldado:

Nêngua Kainda olhou os trajes de Luandi e deu de rir, mais com os olhos. Ria dizendo que o moço estava num caminho que não era o dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus (EVARISTO, 2017, p. 81).

Percebe-se a aproximação entre Mãe Suzana e Nêngua Kainda, uma mais crítica em relação à liberdade, a outra em relação ao poder (voz de mando), mostrando o porquê de serem consideradas como sábias, caracterizando as narrativas como valorização das experiências frutos da tradição. Em relação à passagem Luandi diz que “Nêngua Kainda era uma mulher vivida e de palavras certas, mas, com ele, Nêngua tinha se enganado” (EVARISTO, 2017, p. 95), mas no desfecho Luandi comprehende o que Nêngua Kainda dizia:

Luandi José Vicêncio olhava o rosto conturbado da irmã que caminhava em círculos. Ela era bonita, muito bonita. Desde pequena trabalhava tão bem o barro, tinha as artes de modelar a terra bruta nas mãos. Um dia ele voltaria ao povoado e tentaria recolher alguns trabalhos dela e da mãe. Eram trabalhos que contavam partes de uma história. A história dos negros talvez. A irmã tinha os traços e modos de Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque, enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. E ele que queria tanto ser soldado, mandar, bater, prender, de repente descobria de que nada valia a realização de seus desejos, se fossem aqueles os sentidos de sua ação, de sua vida. Soldado Nestor era tão fraco e tão sem mando como ele. Apenas cumpria ordens,

mesmo quando prendia. Foi preciso que a herança de Vô Vicêncio se realizasse, se cumprisse na irmã para que ele entendesse tudo. Só agora atinava também com o riso e as palavras de Nêngua Kainda. [...]. (EVARISTO, 2017, p. 109).

Os personagens sempre falavam da herança que o avô tinha deixado para Ponciá, o que de algum modo já antecipava o desfecho, quanto a Luandi entendeu Nêngua Kainda e se desiludiu com seu desejo de mando, no trecho também é importante a menção ao trabalho artístico feito, por Ponciá, com barro e que levaria a história do seu povo nele, mas aqui volta-se a questão da posse, pois em uma passagem da narrativa antes do reencontro, Luandi se depara com os trabalhos de Ponciá e Maria Vicêncio que tinha a indicação de autoria, mas a posse era de um branco da família Vicêncio, e claro, a marca da posse é carregada pela família de Ponciá que tem o sobrenome do senhor de escravos, e aqui percebe-se mais uma vez a importância de Nêngua Kainda que além de manter algumas tradições inclusive a linguagem também conserva seu nome (que é um traço de identidade).

Mais que herdeira da loucura do Avô, Ponciá herdou sua dor, o sofrimento que ganha dimensão coletiva, pois representa um povo, por isso dizer que teve como herança a memória desse povo que se caracteriza também como “resistência teimosa e muitas vezes silenciosa do negro, travestida de uma falsa obediência ao branco” (EVARISTO, 2017, p. 2017).

### Considerações finais

A análise de um texto literário deve levar em conta as características linguísticas do texto, pois é por meio da linguagem que se percebe a visão da obra, sua especificidade e expressividade, mas, além disso, deve-se perceber a relação entre as escolhas linguísticas, a temática e como se desenrola o enredo em torno dessa temática.

Em Ponciá Vicêncio a temática do sofrimento ganha forma por meio de uma narrativa com avanços e recuos, em que a protagonista vive em um tempo presente, mas sempre revisitando o passado por meio de suas lembranças, caracterizando as memórias de seu povo. O uso da linguagem da autora, Conceição Evaristo, que insere palavras compostas por justaposição (marca presente em outras obras, como em *Olhos D'água*),



mas que tem um caráter expressivo, exemplo disso quando ela menciona “choro-gargalhadas” para demonstrar o comportamento do avô de Ponciá.

Um ponto importante é a representação do negro, mas principalmente o conceito de autoria adotado, uma vez que representa a memória de um povo de um ponto de vista de quem tem a subjetividade de um negro, isso, de alguma forma, passa mais autenticidade, visto que não é literatura sobre o negro, mas narrado de dentro da perspectiva do negro.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myruam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In. DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria de Nazareth Soares (Orgs). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 4, p. 309-337.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In. DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria de Nazareth Soares (Orgs). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, 1<sup>a</sup> reimpr., v. 4, p. 375-403.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmino dos Reis: na contracorrente do escravismo, o negro como referência moral. In. PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney (Orgs). *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 41-58.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 1<sup>a</sup> ed., 2017.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. 2003. Disponível em <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html> Acesso em 20 de janeiro de 2021.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

IANNI, Octávio. Literatura e consciência. In. DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria de Nazareth Soares (Orgs). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, 1<sup>a</sup> reimpr., v. 4, p. 183-244.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Tradução Yara Aun Knoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo. 1993, p. 7-28.